



Cultivando e disseminando os poderes curativos da melaleuca no noroeste fluminense: a experiência do Sítio Agroecológico São José, em Aperibé (RJ).
Cultivating and disseminating the healing powers of melaleuca in the Northwest Fluminense: the experience of the Agroecological Site São José in Aperibé (RJ)

BELIENY, Francisco José Carvalho¹; BELIENY, Custódia Barbosa²; LIMA JUNIOR, Maurilio Machado³; FIGUEIRA, Rayanna⁴

¹ Sítio Agroecológico São Pedro, fjcb062961@gmail.com;

² Sítio Agroecológico São Pedro, fjcb062961@gmail.com; ³ Universidade Federal Fluminense, mauriliojunior@id.uff.br; ⁴ Universidade Federal Fluminense, rayannafigueira@id.uff.br

RELATO DE EXPERIÊNCIA POPULAR

Eixo Temático: Saúde e Agroecologia

Apresentação e Contextualização da experiência

Francisco José Carvalho Beliany: assim estou nomeado em minha certidão de nascimento. Meu nome denuncia que santo sou devoto. Não de São Francisco, a quem também prezo, mas de São José, padroeiro dos trabalhadores, meu padroeiro. Apesar de ter nascido em Cardoso Moreira, no norte fluminense, sou tomado por mineiro, um tanto pelo meu jeito; o que se explica pelo tempo em que vivi em Ouro Preto e Belo Horizonte, e por outras paragens em Minas Gerais. Nas aventuras de me lançar por aí na busca do que me realizaria na vida, encontrei Custódia, essa sim mineira, de Teófilo Otoni, a quem acompanho e com quem tive quatro filhos. Com ela nos lançamos juntos na busca de uma realização que coincide com os anseios da agroecologia. Por isso trago aqui esse relato, que fala da nossa produção agroecológica em Aperibé, no noroeste fluminense, cidade que não tem nome de santo, mas que escolhemos para investir nossos desejos. O sítio em que estamos, Sítio São José, que já foi Sítio Penedo, fica no Porto das Barcas, nas margens do Rio Paraíba do Sul, e aos pés do Monumento Natural Municipal da Serra da Bolívia, o grande elefante de pedra que consagra a nossa paisagem.

Dentro da diversificação de nossa produção, o foco do relato recai aqui sobre a produção de plantas curativas, em especial da australiana *Melaleuca alternifolia*, a árvore do chá (*tea tree*), a melaleuca, da qual produzimos óleo essencial e hidrolato, e sobre como ela nos produz como agricultores agroecológicos.

Se digo que nosso trabalho é agroecológico, isso se deve às práticas das quais nos valem para cultivar alimentos e plantas medicinais. Melhorar o solo para produzir plantas saudáveis e produzir plantas saudáveis para melhorar o solo. Esse é um lema que nos orienta. Agroecologia é isso: respeitar o solo, alimentá-lo de maneira saudável e diversificar o que nasce sobre seu colo, enriquecendo-o e, com ele, a nossa saúde, a nossa vida. Agroecologia consiste assim, para nós, em uma forma de fazer e viver a vida na e com a terra, preservando-a e preservando o



que nasce sobre ela. Uma vida romântica e política, mas que nos traz a sensação de estar colaborando para a construção de um mundo novo que possa ser admirável.

O percurso até a agroecologia em Aperibé

Podemos dizer que começamos na agroecologia em 1986, quando compramos uma terra em Ouro Preto. Ficamos quatro anos e meio nela. Deixamos uma empresa de serigrafia em Belo Horizonte e fomos lá para o interior. Ali vivemos da terra, nesse pequeno primeiro ciclo de nossa história, aplicando a cartilha do Valdo França¹ e cultivando comida saudável para subsistência e comércio, numa propriedade que conseguimos fazer ser autossustentável. Essa sempre foi a nossa centralidade: construir um espaço autossustentável de produção de alimentos. Queríamos colocar na mesa o máximo de diversidade de comida e comercializar o excedente para os interessados em ter mais saúde.

Depois dessa primeira experiência em Ouro Preto, ficamos 16 anos fora da terra. Voltamos para Belo Horizonte para criar os filhos. Em 2002, compramos uma segunda propriedade, em Piracema, também em Minas. Essa era uma terra de final de semana, mas com práticas agrícolas e de criação de animais iguais a da primeira experiência. Produzíamos arroz, feijão, trigo, frutas, legumes e verduras. Criávamos gado. Ficávamos lá alguns dias, tocávamos as coisas, mas sempre numa alternância com Belo Horizonte. Em 2011 acabamos vendendo essa propriedade em Piracema e, no ano seguinte, seguimos para Aperibé.

Em Aperibé nos sentimos em casa. Eu mais do que Custódia, porque sou da região. Cardoso Moreira, minha terra natal, fica à distância de apenas 70 km. Lá em Minas não podíamos plantar feijão na época do feijão, por causa do frio. Ao mesmo tempo, não conseguíamos nos desligar de Belo Horizonte, já que a empresa em funcionamento sempre exigia a nossa presença. Não conseguíamos nos dedicar 100% ao que nos interessava mesmo. Estávamos nas cercanias dos 50 anos e se não nos desligássemos naquele momento, julgávamos que não teríamos tempo para nos realizarmos no que desejávamos realizar. Nossos filhos já estavam em idade que podiam tomar conta do negócio e quiseram continuar em BH. Havia uma equipe sólida na empresa e isso nos permitiu partir. Aí partimos.

Nossa jornada agroecológica em Aperibé começa então em 2012. Nós já tínhamos uma caminhada na agroecologia por causa da cartilha do Valdo França e das metodologias que desenvolvemos estudando formas alternativas de plantio e criação, mas em Aperibé nos entrelaçamos com o projeto PAIS - Produção Agroecológica Integrada e Sustentável, apoiado pelo SEBRAE. O projeto se propunha à formação de núcleos produtivos para promover interações e troca de experiências entre produtores rurais. Foi criada como uma tecnologia social que pretende subsidiar novas alternativas de trabalho e renda para a agricultura familiar. Consistia em uma oferta de soluções para produtores rurais interessados em melhorar a qualidade de produção e visava possibilitar aos agricultores o cultivo diversificado de alimentos, de plantas medicinais e produção de fitoterápicos para o

¹ Engenheiro agrônomo da UnB que atuou por vinte anos capacitando técnicos e agricultores na produção de alimentos sem o uso de agro-químicos.



consumo das famílias e para comercialização. Naquele momento queríamos fazer parte em qualquer movimento e iniciativa acontecendo no mundo da agroecologia. E o ramo dos fitoterápicos nos interessava. Por causa do projeto PAIS no noroeste fluminense, colocamos assim, de vez, todos os nossos pés na agroecologia. Com ele conseguimos insumos, consultoria e estrutura de comercialização. A barraca que temos hoje e que usamos para fazer as vendas na feira de Itaocara todos os sábados é a mesma de 2012. Esta barraca nos dá suporte há 10 anos. Através dela comercializamos uma parte significativa da nossa produção excedente e seguimos fazendo amigos.

O cultivo da melaleuca

A melaleuca, pelos seus poderes curativos, que atestamos pelas publicações científicas e pelos depoimentos que recebemos quase todos os dias, tem sido um dos focos do nosso trabalho voltado a plantas medicinais. Como foi dito, somos movidos pela ideia de colocar em nossa mesa, para consumo próprio, o máximo de diversidade que com o solo conseguimos produzir. Isso é meta de vida. Mas isso não é suficiente. Produzir alguns produtos que nos sirvam de âncora financeira também é importante, sobretudo para trazer equilíbrio e segurança para a renda familiar. Esse tem sido o papel dos óleos essenciais no nosso sítio, sobretudo o da melaleuca.

Mas não é só isso. O óleo de melaleuca é um produto que preenche uma lacuna crucial nos tratamentos de doenças. Ele cumpre uma função terapêutica que nenhum medicamento de farmácia cumpre. Não há um produto de farmácia que seja simultaneamente fungicida, bactericida, antiviral, antimicrobiano e antisséptico, no mesmo nível da melaleuca. Isso nos entusiasma a trabalhar com ela.

Em 2002, nós já tínhamos tomado conhecimento dos óleos essenciais, através do Curso CPT Produção de Óleos Essenciais, do professor e engenheiro florestal Antonio Lelis, da Universidade Federal de Viçosa. Mas foi uma coisa que ficou adormecida como projeto até 2012, quando chegamos em Aperibé. Dez anos depois do meu contato com o curso, estalou: "está na hora de nos ligarmos a isso". Na vinda para Aperibé, numa das viagens, passando por Viçosa, fiz contato diretamente com o professor Antonio Lelis para saber mais da melaleuca. Num encontro com ele, disse que tinha vontade de entrar nesse ramo dos óleos essenciais. Lelis me prometeu mudas de melaleuca, me deu orientações para plantar, extrair o óleo e fazer a análise. Me passou um método para produzir um óleo de qualidade, considerando as condições ideais e que se aproximam das condições do habitat original da planta. A melaleuca, que se parece com o cipreste, e pode crescer até 6 metros de altura, vem do sudeste de Queensland e na costa norte de Nova Gales do Sul, na Austrália. Lá ela cresce perto de riachos e em áreas pantanosas. Por acaso, Aperibé está numa região que apresenta características edafoclimáticas que fazem dela uma espécie de pedaço da Austrália no sudeste do Brasil. O clima é relativamente australiano, com noites quentes. É disso que a melaleuca gosta, além de sol e de muita água.

Não sabia disso no início, mas descobri, de uma maneira bem-aventurada, que o lugar para o qual estávamos nos mudando reunia as condições favoráveis



para o plantio da melaleuca. Apesar do entusiasmo, não fomos com muita sede ao pote, mesmo sabendo que se tratava de um negócio promissor. Plantamos aquelas primeiras mudas em 2012 e fui me inserindo nesse ramo. A melaleuca, com um ano de crescimento, quando chega a 1.5m, 2m, já se deixa ser abatida. Basta cortá-la embaixo e, em pouco tempo, as brotações novas já despontam. É uma planta de fácil manejo. É rústica. Logo aprendi que ela precisa ver o sol o tempo todo. Se ficar sombreada, abafada, ela aniquila, não sai. Em roça capinada, ela desenvolve mais. Não é bom plantá-la no período chuvoso. Ventania e chuva pesada derrubam as mudas novas. Passei apertado com isso no início. A melaleuca gosta de água com fita de irrigação. Assim, dá para plantar as mudas em boa parte do ano. Depois do primeiro corte, ela desenvolveu mais. A pivotante se estrutura e ela dá resposta maior, vem mais povoada de folhagem. O nosso solo é ótimo para ela. Apenas utilizamos bananeira para potencializar o potássio e fazemos a aplicação de biofertilizante, em geral feito com fezes de morcego ou esterco fresco de gado. Usamos também urina de vaca e até suco de moringa, que pode ser aplicado também em outras plantas

O óleo de melaleuca

Só depois de seis anos do primeiro plantio, em 2017, fizemos a primeira extração do óleo e do hidrolato daquelas primeiras plantas. Ainda não tínhamos destilador. O nosso foi projetado só depois, a partir de uma adaptação de um destilador de cachaça. Essa primeira extração foi feita num encontro de agricultores na Fazendinha Agroecológica Km 47, em Seropédica, na Baixada Fluminense, onde funciona um SIPA (Sistema Integrado de Produção Agroecológica). Alguém agendou em um dos laboratórios da Embrapa uma sessão de extração de óleo para mim. Lá existe uma unidade de fitoterápicos. Depois de extraído, eu encaminhei o produto para o professor Lelis que fez a análise e sinalizou para mim que eu poderia e deveria continuar o projeto. As plantas que eu havia plantado e das quais fiz a extração estavam gerando um produto dentro do parâmetro desejável para a sua aplicação terapêutica: taxa de terpinen-4-OL em 30% e o cineol 1.8 abaixo de 15%.

A melaleuca tem mais de 100 elementos com propriedades medicinais. Na cromatografia, apenas 30 são destacados. Contudo, dois são os mais visados, pois são suas taxas de concentração dentro de certos parâmetros que conferem valor comercial ao óleo: o terpinen-4-OL, esperado em 30%, e o cineol 1.8, que não deve ultrapassar 15%. Contudo, é a sinergia entre todos os elementos que faz a diferença de uma extração com alto benefício para a saúde. A melaleuca nasceu para ser remédio para os outros seres vivos, justamente por ser mortal para certas formas de vida, como bactérias, vírus e fungos. Já se sabe das propriedades antifúngicas da melaleuca há muito tempo, mas desde a invenção da penicilina, o uso da planta australiana ficou escanteado. As descobertas científicas na área médica costumam cobrir usos medicinais consagrados por povos tradicionais. A melaleuca não escapou de ser vítima disso. Os aborígenes já a usam há milhares de anos para tratar doenças de pele. Na histórica guerra bacteriológica em que os humanos estão envolvidos, a progressão nas tecnologias da civilização implicou um esquecimento de uma arma poderosa e, por isso, ela deixou de atender as demandas



hospitais, sobretudo na assepsia hospitalar. Uma solução eficaz que já existia ficou de lado, simplesmente porque aqueles que portavam autoridade para conferir valor a soluções médicas não lhe deram atenção, e assim prescindiram de um agente vocacionado pela natureza para poupar sofrimento. Ainda, o que pode parecer uma surpresa para muitos, os protocolos hospitalares obstam a melaleuca de entrar em hospitais e cumprir o seu destino curativo. Provavelmente porque muitos acreditam que a solução para muitos problemas não pode ser tão simples, não pode advir de um processo de beneficiamento realizado por pequenos agricultores.

A melaleuca e as práticas integrativas e complementares

Pode ser que essa visão mude. E vai mudar. E já está mudando. O SUS agora, com o Ministério da Saúde sob o comando de Nísia Trindade, certamente está mais aberto a formas menos consagradas, mas comprovadamente eficazes de tratamentos médicos. A depreciação dos conhecimentos, tanto científicos quanto populares, pelas autoridades políticas brasileiras nos últimos sete anos não significou depreciação do ímpeto em querer conhecer e valorizar as fontes naturais de cura. A Fiocruz, apesar da diminuição de recursos para pesquisa, não paralisou totalmente suas atividades nos últimos anos. Os estudos com fitoterápicos e óleos essenciais seguiram adiante e com isso o entendimento de que são poderosas armas para cobrir as lacunas dos medicamentos convencionais, naquilo que são parcialmente eficazes ou até ineficazes.

Os fitoterápicos e os óleos essenciais despontam hoje, na nossa perspectiva, como possibilidade de as pessoas descortinarem uma esperança concreta para a cura de problemas de saúde que não encontram solução pelos meios médicos da indústria farmacêutica dominante. Posso falar aqui do testemunho de Antônio, pai de Genilson, também produtor de alimentos orgânicos. Descobri há alguns meses que ele estava internado por causa da covid. Seu pulmão estava vitimizado por um estado grave de pneumonia. Não pude ajudá-lo. E lamento por não ter podido ajudá-lo. Fiquei sabendo tarde. Ele precisava, segundo pude constatar, de uma administração intensiva da melaleuca. Infelizmente os protocolos hospitalares não permitiriam essa administração, por ser alternativa. Não havia espaço no sistema de dogmas de tratamento hospitalar para uma intervenção mais intensa com a melaleuca. Era o que eu supunha poder combater com eficácia aquele quadro de pneumonia. Perdemos o Antônio. Ficou, contudo, a certeza de um desejo: o de que as práticas integrativas e complementares entrem para valer como formas de tratamento de saúde dentro do SUS. Elas já estão dentro, e existem como recurso, mas sua oferta e as informações sobre elas precisam ser ampliadas. Claro, a indústria farmoquímica não quer isso. É de certa maneira contra as práticas integrativas e complementares, em especial por não estarem em seu catálogo de vendas e não as favorecerem dentro da lógica do capital.

A melaleuca deveria ser acessível para o povo. Acho uma covardia política isso ainda não ser popular no SUS. O sistema sabe que existe, mas está refém dos que querem dinheiro. A melaleuca aumenta a imunidade, ao contrário dos antibióticos. Ela eleva a imunidade, o corpo é ajudado a se recuperar. Creio que



vamos viver um tempo em que os recursos da natureza vão ser reconhecidos e valorizados como fatores decisivos nos processos de recuperação da saúde. Mas tem que ter prescrição médica, tem que estar nas rotinas dos hospitais. Além disso, tem que haver nas escolas e hospitais educação alimentar, para livrar o povo da desconfiança induzida de usar os recursos naturais das plantas. A perspectiva das pessoas sobre os medicamentos naturais foi deformada. As pessoas perderam a confiança e passaram a depender da chancela da ciência médica oficial dominante. A educação precisa também fazer parte do processo de reconhecimento. Eu vejo farmácia como cilada. Mas vejo também que está vindo do povão o convencimento de que a medicação exclusiva com remédios de farmácia não proporciona realmente cura. Ao ter que se tratar com remédios de farmácia, o povo se vê cada vez mais como vítima de uma armadilha. Uma pessoa idosa doente, começa um tratamento com dois remédios e dentro em pouco está usando dezesseis, ao passo que as queixas só aumentam. As pessoas até ficam vivas, mas nunca como humanos saudáveis. Não deveria ser desse jeito. É indigno. Quantas pessoas estão assim? Para mim, isso é muito triste.

Desafios e devolutivas

De seis anos para cá nos dedicamos intensamente à experiência de produção dos óleos essenciais. Um desses óleos é de uma planta exótica, a que está no centro desse relato, a melaleuca. Mas também estamos nos dedicando a trabalhar com óleos de plantas nativas: jamelão, aroeira, capim limão, pimenta de macaco. Muita gente nem imagina das potencialidades dessas plantas como plantas medicinais. Nós descortinamos isso para as pessoas. Nos vemos assim, como agricultores familiares, fazendo diferença na região. As devolutivas que os clientes dão para a gente, asseveram isso. Muitos tratamentos e remédios de farmácia e hospitais não estão propiciando às pessoas a real restauração da saúde. Muitas são convencidas pelos médicos de que o mal que as acometem não tem cura. Por mim, ficam sabendo que ainda há possibilidade, que extrapolam o perímetro dos procedimentos médicos rotineiros. Os tratamentos que propomos são simples, baratos e eficazes. Temos testemunhado assim o brilho nos olhos das pessoas, rostos radiantes, por causa da esperança que chega com a melaleuca, ou com a moringa, com a qual produzimos um suplemento poderoso e que também tem muita procura. Quando experimentam a melaleuca ou a moringa, ou os outros óleos que produzimos, elas têm uma experiência real de cura e isso muda a vida delas.

A principal dificuldade que apontamos hoje para o nosso trabalho com a melaleuca, ou às vezes com outros fitoterápicos, é atender a demanda crescente. Estamos no limite em conseguir dar conta de atender ao volume de pedidos que chegam. Isso é ruim e bom ao mesmo tempo. Ruim porque muitas vezes não conseguimos fornecer plenamente a cura da qual as pessoas precisam. O bom é saber que as pessoas estão experimentando os benefícios das plantas e dando a elas valor. As pessoas compram o produto, usam e somem as queixas. E voltam para comprar mais ou indicam para outras pessoas, que nos procuram.

Mas a implantação da produção da melaleuca é lenta. Ao mesmo tempo, não vamos com tanta sede ao pote. Respeitamos o tempo dela e queremos que a sua produção seja agroecológica. Isso requer tempo e paciência. Hoje trabalhamos



apenas eu e minha esposa e ficamos receosos ao pensar em aumentar a quantidade de trabalho, ter empregados e assim aumentar a oferta e atender mais demandas. Por enquanto, damos conta e está bem assim. Aumentar a produção implicaria em aumentar os compromissos. E talvez não seja isso que queremos, pois prezamos a qualidade e a interação direta com os usuários dos produtos. Nos preocupa, inclusive, que os nossos produtos fiquem mais conhecidos. Só aqui na região um pouco de divulgação já aumenta muito a procura. Se começarmos a espalhar que temos a cura para sinusite e outros problemas respiratórios, através de tratamento natural, com compra direta com o produtor, colocando telefone e tal, mostrando como as pessoas podem me encontrar, as pessoas vêm atrás de mim. Por enquanto, damos conta. Mas se aumentar o número de pessoas procurando, já não conseguiremos atender. A relação entre oferta e demanda é um desafio, mas estamos conscientes de que devemos atentar para a qualidade do produto e de nossas vidas, fazendo disso a nossa meta.